Capítulo 13: Outra Situação de Refém, Não

As pessoas sempre querem saber qual foi a coisa mais assustadora que me aconteceu viajando. Nem todas as minhas histórias malucas envolvem namoro ou mulheres. Muitos perrengues aconteceram nas nossas viagens só de caras ao exterior. Essas situações de refém me lembram de quando meu amigo quase foi feito refém em Cancún, no México.

Começou como uma viagem bem normal. Passamos a maior parte do tempo curtindo a praia e passeando. Um dia contratamos um motorista para nos levar por aí. Ele foi simpático e se ofereceu para organizar um passeio às pirâmides de Chichén Itzá. Achamos que era uma opção melhor do que os grandes tours em grupo, que saíam de manhã cedo.

O cara chegou na hora combinada com uma van muito duvidosa. Lembro de pensar: hmmmm, não era isso que eu esperava. Meus cinco amigos e eu nos olhamos como quem diz: acho que vamos fazer isso mesmo. Subimos e começamos a viagem de duas horas. Mais ou menos uma hora depois, aconteceu algo inesperado: a van quebrou. Não dá para dizer que foi uma grande surpresa. O fato de ter aguentado uma hora foi um pequeno milagre.

O motorista disse ao único amigo nosso que fala espanhol que algo tinha superaquecido e que tínhamos que esperar. Ainda estávamos todos bem tranquilos, fazendo piada e levando na brincadeira. Depois de um tempo, ele deu o sinal verde e seguimos. Repetimos essa dança de para-e-anda mais algumas vezes antes de chegar, o que transformou uma viagem de duas horas em quase três. O astral ainda estava alto. Sabíamos que não era realmente culpa dele, e finalmente chegamos.

Enquanto curtíamos as pirâmides, ele disse que tinha pedido para alguém trazer outro veículo e prometeu que chegaria antes de terminarmos o passeio. Gostamos de explorar e, na hora, voltamos ao ponto de encontro. Olhei e pensei: nossa, essa van nova é igualzinha à outra. Gêmeas? Não era o caso. Era a mesma van. Nesse ponto, estávamos começando a ficar um pouco preocupados.

O grupo se reuniu, olhando para a van duvidosa. Devíamos falar com os grandes grupos de turismo? Talvez conseguíssemos pegar um ônibus e eles nos levariam de volta. Uma pane no caminho de volta seria arriscada, já que estava anoitecendo e escurecendo. Concordamos em ir com ele, já que nenhum de nós tinha dinheiro vivo para pagar a viagem de ida.

Cinco minutos depois de sairmos, a van quebrou de novo. Foi quase cômico a rapidez. Todos nos olhamos como quem diz: puuuta merda, isso é ruim. Continuamos nesse para-e-anda a cada dez minutos, mais ou menos. A essa altura já era noite. Cada parada brusca aumentava a tensão dentro da van. Seis estrangeiros parados na beira da estrada em Cancún é receita para o desastre.

Na terceira ou quarta partida, ganhamos outra surpresa divertida: um pneu furado. Soltei uma risada desconfortável, tipo: claaaro, vamos colocar isso na lista de coisas que dão errado. Você acharia que ele teria um estepe, mas isso seria lógico demais. Ele pegou o telefone e disse que alguém viria nos buscar.

Passou cerca de uma hora, e então apareceu um carro. Espera, é um carro, e somos seis homens adultos mais o motorista. Como isso vai funcionar? Ainda não consigo entender o que aconteceu a seguir. Depois que o carro chegou, o motorista desceu. Depois outra pessoa, e outra. A última foi uma mulher com um bebê no colo. Aparentemente ele tinha chamado a família inteira. Achei hilário um homem levar a família toda para o meio do nada. Eu não estava preocupado com eles. Era a gente ou eles.

Agora que tínhamos transporte, havia o problema de caber todo mundo num carro de quatro portas. Montamos um arranjo de assentos que nos encaixou lá dentro feito Tetris. Um amigo e eu tivemos que sentar de costas um para o outro no colo de outro amigo. Eu nem ando de mototáxi com dois no Rio, então imagine minha expressão quando essa ideia foi proposta. Começamos o trecho final até em casa.

Quando chegamos, eu estava exausto. Pedi aos caras que cuidassem de pagar o motorista e fui para o meu quarto. O resto da história é o que me contaram. No caminho para casa, tínhamos combinado que não pagaríamos o preço cheio. Por que pagaríamos? Se fosse nos Estados Unidos, talvez tivéssemos o dinheiro de volta. Mas não era os Estados Unidos. O motorista exigiu o valor total, que nenhum de nós tinha em dinheiro vivo. Então um terceiro carro apareceu depois de já estarmos em casa. Era basicamente o cobrador, para garantir que o dinheiro fosse recolhido. Levou alguns dos caras a um caixa eletrônico, e foi fortemente sugerido que um de nós, [S], “ficaria” com o motorista enquanto isso.

Pagamos o valor total. Alguns dos caras ainda foram enganados no caixa eletrônico e cobrados a mais.

Na verdade, me arrependo de ter perdido essa confusão. Me disseram que o terceiro carro tinha energia de gângster de filme. O que é maluco nesse dia é que, aparentemente, tinha acontecido um tiroteio. Alguém de jet ski tinha atirado de passagem na praia. Não sabíamos na hora, mas talvez nosso motorista estivesse mesmo cuidando da gente.